

Pioneiro no País, Banco de Tecidos do Hospital das Clínicas é pouco conhecido

Serviço com tecnologia de ponta retira e armazena ossos e tecidos de falecidos e devolve qualidade de vida a centenas de pessoas

Diante do diagnóstico de morte encefálica num hospital público ou privado da capital, a família é consultada sobre a possibilidade de doar órgão (como coração) e tecidos (ossos e tendões). “A recusa para a retirada dos tecidos ultrapassa 90% das abordagens. Ninguém sabe que existe doação de osso”, informa o ortopedista Alberto Tesconi Croci, coordenador do Banco de Tecidos do Hospital das Clínicas (HC) da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

O serviço do Instituto de Ortopedia e Traumatologia (IOT) é pioneiro no Brasil, pois existe desde meados de 1950. Há dez anos, os procedimentos técnicos foram reformulados e seguem padrões internacionais.

O doador de osso e tendão deve ter entre 18 e 55 anos e diagnóstico de morte encefálica por trauma, arma de fogo ou problema clínico (como derrame cerebral), causas mais frequentes de falecimento na capital.

Para preservar a saúde do receptor, realiza-se rigorosa seleção do doador. Exclui-se portador de câncer, doença degenerativa (como artrite reumatoide) e moléstia infectocontagiosa (aids, hepatites e outras).

Sofisticação – Após a cirurgia para retirar órgãos, no próprio hospital, a equipe do médico Croci remove ossos como fêmur, tibia, fíbula, tendões-de-aquiles e patelar.

Croci, professor de ortopedia da FMUSP, alerta que o corpo do falecido não é desfigurado: “Fazemos prótese no local do procedimento para a reconstituição. Só aparece um corte cirúrgico discreto”.

O material é levado à sala especial do Banco, onde existe filtro de partículas de ar, que é uma estrutura diferenciada para reduzir ao mínimo a chance de contaminação do tecido processado. A enfermagem elimina do osso e tecido substância indesejável (sangue, gordura, músculo).

Em seguida, amostra do material segue para análise laboratorial a fim de confirmar ausência de contaminação e de doenças infectocontagiosas, como Chagas, hepatite, aids e sífilis.

“O exame ultrassofisticado é feito a partir de partículas de DNA do doador para verificar se existe micropartícula viral não detectada (no exame feito antes da doação de órgão)”, informa o médico. Ele frisa que



Ortopedista Alberto Tesconi Croci, do HC: “Ninguém sabe que os ossos podem ser doados”

Serviço tem freezer de 80° negativos

O Banco de Tecidos funciona numa área de 200 metros quadrados com equipamentos de ponta. Por exemplo, o freezer a 80° negativos tem sistema de alerta caso aumente a temperatura. O alarme soa instantaneamente no celular da equipe do setor para ajustar o sistema.

Outra máquina, já adquirida, e que funcionará em breve, permitirá que a temperatura seja monitorada por *software*. Diante de qualquer problema nos ultracon-

geladores, o aplicativo também acionará os profissionais por alarmes no telefone.

O coordenador Alberto Tesconi Croci planeja dobrar o atendimento. Sua estratégia é parceria, já firmada, com instituições da FMUSP para ampliar doação e atingir paciente morto por parada cardíaca. A instalação está pronta; só falta contratar equipe de saúde e resolver questão administrativa para iniciar o projeto ainda este ano.

o procedimento é muito seguro na prevenção de transmissão de moléstia infectocontagiosa proveniente do doador.

Enxerto ósseo – O material é armazenado num freezer especial a baixa temperatura (85° negativos), o que desativa a ação de proteína causadora de rejeição. Suporta congelamento até cinco anos e é armazenado e diferenciado por código de barra, com diversas informações (exames realizados, dados do doador, tamanho da peça e

outras). A rastreabilidade por código de barras facilita o acesso imediato ao Banco.

O osso será útil, por exemplo, em paciente com tumor maligno de osso (osteossarcoma), que atinge o joelho e exige enxerto ósseo com prótese. Caso de prótese dentária, fratura ou desgaste natural (pelo envelhecimento) do quadril ou joelho também requer o osso processado.

Cirurgias mais comuns: reconstrução por perda óssea ou tumor no quadril, no fêmur e na tibia, e operação por lesão ligamentar no joelho e ombro, mandibular e maxilar.

O Banco auxilia dentista com a doação de osso para transplante. É possível que um único fêmur atenda até 100 pessoas com problemas odontológicos.

Após a cirurgia, o osso transplantado se adapta ao corpo do doente. Após um ou dois anos, já não o diferencia do osso original porque a célula do receptor “povoa”



Arlete: “Não sabemos o dia de amanhã”

Seja também um doador

1. Como posso ser doador?
No Brasil, o doador falecido não deixa nada documentado, apenas comunica a vontade à família, que autorizará o ato voluntário.
2. Quais são os tipos de doador?
Doador vivo: pessoa saudável que quer doar um dos rins, parte do fígado, da medula óssea e do pulmão.
Doador falecido: paciente com morte encefálica (mais comum traumatismo craniano ou acidente vascular cerebral).
3. Da pessoa falecida, quais órgãos e tecidos podem ser doados?
Coração, pulmão, fígado, pâncreas, intestino, rim, córnea, veia, ossos e tendão.

4. Quem é receptor?
Órgãos são doados a quem precisa de transplante e aguarda numa lista única, definida pela Central de Transplantes da Secretaria de Saúde de cada Estado e controlada pelo Ministério Público.
5. Como se define diagnóstico de morte encefálica?
Morte encefálica é regulamentada pelo Conselho Federal de Medicina. Dois médicos examinam o paciente e comprovam diagnóstico com exame complementar.
6. Após a doação, o corpo fica deformado?
Não. A retirada do órgão é uma cirurgia como qualquer outra. O corpo do doador é velado normalmente.

o local que recebeu o transplante, transformando-o e unificando-o.

Sem muleta – O Banco devolve qualidade de vida a muitas pessoas; entretanto, não funciona plenamente por falta de solidariedade. Em média, são duas doações por mês, que atendem cerca de 60 pacientes ao ano e resultam na fila de espera (para ossos) de cinco ou seis anos. Hoje, 330 candidatos a transplantes de osso estão cadastrados no Banco do HC.

“É preciso que a sociedade deixe o preconceito de lado e que o futuro médico obtenha mais esclarecimento do assunto na faculdade”, opina Croci.

A família reflete sobre a importância do ato voluntário ao enfrentar o problema na pele. É o que relata a enfermeira Arlete Mazzini Miranda Giovani, responsável técnica do Banco de Tecidos, referindo-se a um atendimento recente. Ela diz que um esportista sofreu lesão no tendão e solicitou o serviço do HC. Como não há fila de espera para o caso, o rapaz teve assistência rápida: “Os pais nos contaram chocados do arrependimento por não terem doado os órgãos do outro filho, falecido recentemente. Não sabemos o dia de amanhã”.

O representante comercial Rubens Martins, 37 anos, sabe muito bem como é dura a espera. Portador de artrite, ele usa prótese no quadril desde os 17 anos, quando o médico lhe alertou que, no futuro, precisaria de enxerto ósseo e trocar prótese. Martins se cadastrou no Banco no ano 2000 e foi beneficiado em julho de 2007: “Precisaria fazer a cirurgia em 2001 porque a prótese estava se soltando. Sem o enxerto ósseo, é provável que hoje usaria muleta ou cadeira de rodas”. Atualmente leva vida normal: trabalha, estuda e faz atividades físicas. Apenas segue recomendações médicas, como manter peso.

Viviane Gomes

Da Agência Imprensa Oficial

SERVIÇO

Informações úteis:

Disque Saúde: 0800 61 1997

Central Nacional de Transplantes:

Telefone (61) 3365-4441

Associação Brasileira de Transplante

de Órgãos (ABTO):

Telefones (11) 3283-1753 / 3262-3353

Site: www.abto.org.br

E-mail: abto@abto.org.br

Terminam amanhã as inscrições para o Programa Nascente da USP

O Programa Nascente, concebido em 1990 pela Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária (PRCEU), com o objetivo de distinguir e incentivar obras artísticas dos alunos em várias modalidades – palavras, sons, formas ou movimentos –, está com inscrições abertas para a sua 17ª edição. Desde sua criação, mais de 6 mil trabalhos foram inscritos, com 225 vencedores e 263 menções honrosas. Os interessados têm até amanhã (30) para se inscrever nas categorias artes cênicas, texto, música erudita, música popular, audiovisual, artes visuais e design.

Os vencedores de cada categoria ganharão prêmio no valor de R\$ 4 mil e participação no Circuito Nascente, que mostrará os trabalhos nos câmpus da USP no interior. Para

julgarlos foi designada uma comissão composta por professores da USP e especialistas. Aqueles que apresentarem qualidade superior serão expostos na Mostra da Visualidade Nascente, no mês de agosto, durante a qual os jurados avaliarão os concorrentes.

Da Agência Imprensa Oficial

SERVIÇO

Inscrições: Rua da Reitoria, 109 –

Cidade Universitária

Cópia do comprovante de matrícula no

semestre em curso, RG, CPF e

documentação do trabalho

Informações no site

www.usp.br/prc/nascente2009